

MÍNIMAS

Fragmentos de Metafísica

Por Ordep Serra (Universidade Federal da Bahia)

“Metafísica” é título dado por estudiosos de Aristóteles a um livro dele, um título que derivou de um arranjo de compiladores e da verve de Averróis: um nome que o autor dessa obra nunca empregou, nem mesmo conhecia. Por capricho da história, esse nome passou a designar um tipo muito importante, curioso e produtivo de fantasia de que os pensadores e as crianças não conseguem nunca livrar-se, mesmo quando querem eliminá-la. Poesia inconfessa, talvez. Filha da mitologia que devorou, costuma cegar quem a despreza.

Se o ouvido não é franco, a boca também não é.

Chama-se de “mistério” o que só o silêncio sabe dizer.

Quem não tem inimigos não presta. Quem só tem inimigos, tampouco.

O excêntrico tende a tornar-se dependente do centro. E de tanto que lhe foge, acaba por prestar-lhe um culto evasivo.

Quem só deseja o poder, logo apodrece. Quem não o quer de modo nenhum, cai em suas garras de negativa: submete-se à impotência. Melhor é tratá-lo com ironia, leveza e desapego.

Mitologia (I): Deus morreu e criou o mundo com o corpo de que se separou. Descarnado, perturba os homens com sua poderosa ausência. Tentando imitá-lo, muitos insistem em separar alma de corpo. Mas esta espécie de morte nada produz em quem não é divino.

Mitologia (II): Morto, Deus não acaba: o fértil Fantasma vive de sua imaginação, fecundando aqueles que sua saudade anima. Assim sua morte se repete infinitamente. E multiplica sua vida também pelo infinito.

O sonho desperta. A imagem vê.

Ao mestre agradeço não pelo que me deu, mas pelo que me tirou.

A estupidez tem muitos admiradores.

Com os fragmentos da metafísica ainda hoje se constroem esplêndidos palácios. E escuras masmorras. Por sorte, esses edifícios são efêmeros. Mas sua ruína pode ser um belo espetáculo.

Ao mestre agradeço por não ser discípulo.

Se o mar a cobrisse inteira e por todo o tempo, esta faixa de areia não seria praia. Mas se ele nunca a tocasse, tampouco o seria. Praia é o que o mar cobre e descobre. Assim somos nós: uma praia do ser.

Por vezes, novos mundos tocam e penetram o horizonte do nosso. Eles o fazem de forma velada: quando a percebemos, sua aparição já aconteceu. Talvez a gente a

provoque, sem o saber; talvez esses novos mundos apenas cumpram uma órbita ignorada. Mostra-se gratuito o inesperado advento, que nossa vontade não controla e nossa consciência não pode prever. Mas quando ele ocorre, tudo muda: as palavras ganham diferentes sentidos, as coisas deixam de esgotar-se em meros objetos, os gestos triviais se transfiguram e tomam a forma sutil de uma dança desconhecida. Celebramos mistérios que nos transcendem, verdades e valores que ignoramos ainda.

A verdadeira bondade é a mais alta forma de inteligência.

Desejo: a carência elevada ao sonho.

Não há coisa mais fascinante que a religião. Nem mais horrível que a religião.

A má fé não admite dúvidas.

Crentes que não suportam a dúvida combatem covardemente sua angústia empenhando-se em converter os outros.

Sem fé, a blasfêmia não faz sentido.

Só o crente blasfema. O incrêdo, quando tenta fazê-lo, apenas injúria a fé alheia. Que pode acabar assumindo, arrastado pela força brutal da injúria.

Deus não mente, mas engana.

O apego ao poder resulta em impotência.

As ideias também degeneram: envelhecem, caducam, danam-se a delirar. Torna-se, então, necessário purificá-las, restituí-las a sua origem. Ou deixá-las morrer com dignidade.

Ciência amarga só destrói.

Quem não tem dúvidas, como terá fé?

A ideia de universo é obsessiva: exige uma crença absoluta, ou uma espécie fascinante de embriaguez. Embora com pouco espaço na ciência, na poesia vive o multiverso.

O uno deseja o múltiplo. O múltiplo deseja o uno.

É curioso: obcecados pelo universal, todos nos tornamos especialistas.

As metáforas se tornam falsas quando esquecemos que são metáforas.

Quem nunca se indigna não tem dignidade.

O ser se cala de muitas maneiras.

Unimúltiplo: Deus.

Inteiramente individual é a morte de cada um. Neste sentido, o sonho - e não o sono - é que imita a morte.

A metafísica da morte é poderosa: sua força até parece validar o solipsismo. Pois com o defunto acaba seu mundo.

Nos jardins de Epicuro, os deuses de entre-mundos nos desafiam com sua ausência.

O impensável é o limite do homem.

No pensamento que aprisiona o mundo ao sujeito opera uma velada sedução da morte.

Deus: explosão e buraco negro.

O homem ético pensa para além de si mesmo, na medida em que se preocupa com coisas que transcendem seu interesse - e até sua existência. Esta atitude extravagante é o verdadeiro fundamento da *ordo amoris*.

A imaginação pode enganar-nos, é certo. Mas sem ela não se alcança conhecimento de espécie alguma.

Quando falamos em “conceito” esquecemos o sentido fisiológico do verbo que originou esse nome. Mas o significado vital que julgamos ter deixado para trás por força da abstração continua atuante no limbo de nossa consciência. Torna-se necessário pensar de novo essa antiga ideia: pensar de novo na fecundação dos conceitos, no modo como sua semente se derrama na matriz, em como eles brotam.

Pensamos com nosso corpo. Isso torna inevitável o antropomorfismo. Mas sabendo disso e usando de ironia talvez o possamos controlar.

Não existe física sem metafísica. Nem filosofia sem mitologia.

Há muito que o diabo vive de exorcismos.

Retrato: A cega de olho gordo voa com as unhas e se arrasta no chão com sua língua. Rasga os lugares, confunde o tempo. Por onde passa, cria desvios: seu fantasma altera o caminho. Sempre em marcha acelerada, come o que encontra e regurgita por todos os poros. Morde e esvazia a polpa das coisas. De seu vômito, que torna a engolir, ela engravida. E no seu ventre insaciável forma-se, então, a sanguessuga dos valores. Depois de secá-los, a esganada enterra os dentes na carne do mundo. A devoração lhe dá mais gana. Enbuquecida, ela rói o barco em que navega, ataca os tripulantes. Sua fome cresce com o alimento. Canibaliza quem a hospeda. E quanto mais devora, mais ânsia. Nunca tem sossego: mastiga as leis, defeca no código. Tem um balcão no tribunal, uma pousada no palácio. Mora na

bolsa, no mercado, na igreja, no parlamento. Invade escolas e hospitais, nos campos de guerra se banqueteia. Triunfa nos bancos. Pasta no campo e na cidade, revolve o mar, escala a montanha. Sim, ela come geografia. Os bens que toca, desrealiza. É filha histórica dos homens, que se empenha em destruir. Nada tem de mítica.

Narciso foi o único que jamais se viu num espelho. Quando nos espelhamos, nós olhamos para fora. Ele olhou para dentro, e perdeu-se: o seu olhar o consumiu.

Surge uma ética quando uma moral é questionada e se entrega decididamente à reflexão.

O imbecil tem tantas certezas que nem imagina.

O desamor é cego.

Sem desordem não há progresso.

O amor é uma loucura que nos torna lúcidos.

Quem contemplou o belo rosto da Justiça e fez sorrir esta criança frágil tem uma riqueza que nada esgota: está muito além dos jogos da Fortuna.

Toda teoria que se preza reclama um teatro apropriado para sua exposição. E só alcança êxito quando edifica seu palco com seu próprio material. Às vezes se exhibe em palácio emprestado - mas então o sucesso não é o mesmo.

Muitas vezes - embora nem sempre - com maior ou menor dificuldade, ora rápida ora lentamente, pode-se constatar que uma coisa é mentira. Mas nem toda verdade é verificável.

Constatar uma mentira não é ainda verificar. Nem sempre alcançamos a verdade que um engano oculta, que um erro envolve.

Heráclito segue muito atual: um grande volume de informação não torna ninguém inteligente. O contrário é muito mais comum.

Ironia e sarcasmo são inconciliáveis. A ironia é uma operação dialética, sutil e criativa. O sarcasmo é tão somente uma das formas do obsceno.

Os pensadores cínicos dedicaram-se a combater seriamente a hipocrisia. Mas seus inimigos foram tão poderosos que hoje muita gente usa como sinônimos os adjetivos “cínico” e “hipócrito”. Nada mais abusivo.

Nos livros de história da filosofia, Sófocles não é levado em conta. Nos livros de história do teatro, não se fala em Platão. Triste de quem acredita nesses compêndios.

Um sistema em que um por cento dos homens açambarca metade da riqueza produzida por toda a humanidade evidentemente nada tem de racional. Mas seus defensores não se cansam de falar em “racionalidade”. A maior façanha da “ciência econômica” de que eles se servem consiste em avacalhar a razão.

Ninguém se torna bom só por ter um inimigo ruim.

A língua denuncia: *ingrato* é o mesmo que *desgraçado*.

Política cultural: quem não tem o que dizer, fala em “identidade”.

É curioso: hoje muitos filósofos vivem de matar a filosofia, ou de celebrar-lhe a morte. Mas continuam a chamar-se de filósofos.

Quem toma o sucesso por medida de valor não tem a mínima noção de valor.

O pensador descuidado pode acabar como uma aranha cativa da própria teia, tornada indefesa e parálitica por sua própria urdidura.

Muita gente se tem empenhado em destruir a metafísica, liquidá-la e sepultá-la. Mas porque esse trabalho destrutivo não acaba nunca? Se o recomeçam a toda hora, não será por que ela sobrevive? Senão, que tipo de morte lhe infligem? Como se explica essa agonia interminável? Se a metafísica efetivamente morreu, porque não a deixam em paz no túmulo? Porque tanta pompa nos repetidos enterros? É verdade que os cristãos sepultam Jesus todo ano - e o matam incessantemente, em cada prédica, em cada oração, em cada ato de culto. Mas talvez por isso mesmo o consideram imortal.

A imbecilidade moral é difusa e perigosa, mas pouco estudada, apesar dos estragos medonhos que faz.

Os momentos em que a verdade mostra sua ausência também constituem revelações.

O universo flutua no seio do múltiplo que não alcança reunir.

Comentando o Gênesis: Se o Nada inexistisse, nada existiria.

O Nada é imutável, imóvel, idêntico a si mesmo, invariável, sem falhas nem contrastes: perfeito.

Teologia: Deus é um um sonho que nos contempla: uma criança que ainda nascerá, mas já reina em nossa origem.

A metafísica aspira à poesia, mas nem sempre a alcança. Na maioria das vezes, ela termina engaiolada num sistema que lhe trava o ímpeto.

Penso, logo existe um outro.

Mesmo o pensamento mais singular e reservado deriva de um fundo de interlocução. Penso porque outros me provocam, me incitam, me habitam. Portanto, a inferência correta seria: penso, logo coexisto. Mas isso também significa que já está presente em meu pensamento, embora de forma silenciosa, o mundo em que me surpreende a consciência de mim.

O famoso *cogito* cartesiano é fundamentalmente uma declaração. O enunciado “penso logo existo” não seria possível sem a linguagem. Ao dar-me conta de que uso a linguagem para produzi-lo, por certo devo lembrar-me de que eu não a criei: a rigor, ela me antecede. Além disso, devo reconhecer que ela é um código compartilhado. Ainda que este código me pareça falho, imperfeito e aberto a enganos, não posso duvidar de sua existência sem duvidar simultaneamente de que penso: pois com ele penso ao declarar que penso. E sem essa declaração não o posso pensar. Com efeito, não é possível pensar que se pensa sem o dizer (pelo menos) a si mesmo. Ora, dizê-lo a si mesmo no mínimo é **como** dizê-lo a outro. No máximo, é dizê-lo a outro com que se coincide, com que o pensante se identifica, criando no ato essa co-incidência que ao mesmo tempo destaca e reúne. De qualquer modo, a linguagem apresenta ao pensador silencioso, sob o véu de sua voz singular (e tácita), um coro de interlocutores que a vêm tecendo desde muito.

O *cogito* não enunciado, se é que aflora no limbo, antes que o possa traspor submerge numa cega penumbra. Não se torna em evidência para o sujeito a quem pudera ocorrer. Como essa evidência é sua condição de possibilidade, está claro que o *cogito* não desabrocha se não for enunciado. O sujeito “liminal” que o intuisse obscuramente não poderia apreender-se em termos lógicos, perceber-se enquanto sujeito lógico. Portanto, a conclusão se impõe: o *cogito* precisa ser dito, pelo menos em silêncio. Ora, esse dizer silencioso já efetua o dividir-se do sujeito em pensante e pensado, exige a introdução de uma alteridade em seu seio. Essa alteridade reflete a

presença de outros que preexistem no interior do eu pensante, mas de fora lhe chegam, através da linguagem.

Não diminui a originalidade nem o valor da descoberta cartesiana lembrar que, ao menos em parte, ela foi uma redescoberta: tem o precedente do “dubito, ergo sum” de Agostinho. Acresce que no seu discurso o filósofo espadachim se valeu também do chamado argumento ontológico industriado por Anselmo de Canterbury, por sua vez inspirado em Aristóteles (*De phil. frag. 16*) O achado agostiniano deriva, como se sabe, de uma discussão com os grandes cétricos da singular família dos pirrônicos. Aristóteles, por sua vez, continuava, à sua maneira novíssima, o debate de Platão com os sofistas. Ao lembrar esses precedentes, não nego o gênio de Descartes. Apenas destaco um fato decisivo: por trás do aparente monólogo cartesiano (ou melhor, por trás do monólogo que ele evoca dialogando com o leitor) está uma longa cadeia de interlocuções. Ela não pode ser ignorada por quem hoje lê Descartes, ou se ocupa da brilhante releitura husserliana de seu discurso.

Ler Descartes é dialogar com ele. Ao escrever sobre o *cogito*, o filósofo tinha a expectativa, ou melhor, a certeza de que seria lido: dirigia-se a outros em seu belo discurso, de velado tom teatral. Tanto quanto ele mesmo, os leitores faziam (fazem) parte da cena: mesmo ausentes já contracenavam com o filósofo no palco da sua cogitação. Dá-se, porém, que ele quase esconde, com incrível habilidade, a presença virtual dessa plateia, todavia necessária a seu pensamento: parece, ou finge, falar apenas consigo mesmo.

Quem diz “eu” já diz outro.

A individualidade humana é contraditória: comporta uma divisão virtual que a consciência opera em si mesma no plano intelectual, sem que por isso o sujeito se

desintegre ou padeça fissura. Mesmo dividido, o sujeito humano forma sua unidade na oposição a outros.

Quem diz “meu corpo” já o torna um outro, em que deixa repousar sua identidade. Um “outro” inalienável de fato, mas passível de estranhamento. Há patologias que manifestam uma alienação do corpo. Ilustra essa possibilidade o conto de Graciliano Ramos chamado “João”, em que um enfermo vê outra pessoa em seu corpo doente.

Tenho a impressão de que Plotino adoeceu de sua filosofia. Sua mente poderosa provocou em sua carne uma alienação máxima, uma efetiva rejeição do corpo. Não o digo para diminuir o valor do pensamento de Plotino. Acho que uma filosofia vertiginosa como a sua, estonteante pela sutileza, também pode produzir efeito trágico.

Nos homens o pensamento se declara à luz do verbo e a consciência se interroga, envolta em diálogo. Isso distingue a humana de outras formas de consciência a que acedem diferentes animais.

Na perspectiva cartesiana, Deus é ao mesmo tempo um ente que se impõe ao pensamento - fonte, pois, de um pensamento necessário - e um ser que a consciência, a rigor, não compreende: ela sente-se incapaz de conhecer-lhe a realidade, não a alcança de modo algum. Pois como poderia o imperfeito compreender o perfeito? Só nessa estranha condição pode Deus, a um tempo patente e incógnito, brindar ao filósofo a garantia da existência do mundo, isto é, do cognoscível... que, todavia, não lhe é patente de forma imediata. Permanece velado pela sombra da ilusão possível, preso no limbo, atado à dúvida: não tem garantia de existência. Enquanto a ideia de Deus se impõe, o conhecimento das coisas do mundo tem de ser procurado. Assim o incompreensível faz-se garante do compreensível. E lhe dá acesso.

A consciência humana não pode **compreender** (abarcar) o mundo que desde logo lhe aparece como seu envolvente. Por outro lado, é certo que ela tampouco pode deixar de intuí-lo ao deparar-se consigo. O mundo é seu inatingível horizonte. Se ela o perde de vista, desaparece também. Assim, embora incompreensível, o mundo já está presente em face do pensamento desde o começo, ou seja, logo que ele se descortina e se encontra a si mesmo. Todavia, esse encontro que o ensimesma pode cegar o sujeito - quando nada momentaneamente - para o que existe fora de si. O mundo deveria mostrar-se de imediato na esfera do *cogito*, revelando-se também imediatamente como anterior a toda cogitação. Mas Descartes o sacrificou à ideia de Deus, para que este o devolvesse em segurança ao domínio do pensante.

Submergindo no seu olhar, Narciso não viu a água, não viu seu espelho.

O cético tem certeza de que tudo é incerto. Mas alguns deles até disso duvidam.

Na cogitação cartesiana o eu que pensa se torna patente antes de Deus. É o primeiro que o pensamento encontra. Mas pode-se dizer que o compreende? Mais certo parece supor que o eu pensado permanece incógnito, um pouco à semelhança de Deus. Também como Deus, ele precede o mundo no processo da auto-posição do *cogito*. Todavia, mostra-se frágil nesse aparecimento: sua simples epifania não pode garantir de imediato a existência de nada mais. Por isso ele se socorre da divindade. Mas alguns filósofos que andaram na trilha de Descartes fizeram do eu uma entidade transcendental de proporção cósmica e lhe atribuíram uma quase onipotência.

Não deixa de ser curioso, parece uma fábula: no drama do *cogito*, no seu processo de descoberta, o incriado tornou-se o primogênito do eu pensante, sua declarada criatura. E o mundo chegou depois.

O homem não é o único animal dotado de consciência, se consciência designa pura e simplesmente o dar-se conta de si mesmo. Outros animais sencientes se reconhecem, visto como, através de seu corpo, no manejo de seu corpo, afirmam sua individualidade face à dos semelhantes e se distinguem de seres diversos com que interagem: percebem semelhança e diferença de um modo que remete cada um a si nessas transações. Sentem-se de um modo diferente da forma como sentem outros: percebem-se como indivíduos.

A sensação estabelece limites que impõe reconhecer: individualiza de modo inescapável. A dor que sente o cão o mostra a si mesmo com clareza. Pois ele se percebe dolorido e sente a solidão da sua dor, que não vai além de seu corpo nem pode ser transferida, ou diretamente comunicada: percebe que seu sofrimento não afeta outros. O bicho que foge da dor possível (da ameaça de uma agressão pungente) bem quisera fugir do sofrimento real, atual, mas logo vê que não pode. Tem de reconhecer-se incapaz de sair da própria pele. Nesse crispado reconhecimento se encontra a si mesmo cingido ao corpo que o individualiza, sem meio de evadir-se, deslocar-se, mudar-se para além. (Pode-se dizer que no sono, ou no desmaio, o animal “sai de si”, mas não o faz por um ato de vontade. Nem volta a si por querer). Consciência é básica e originariamente percepção do próprio corpo como suporte de toda ação e sensação, fonte de vontade.

O cão é capaz de simpatia, ou seja, de perceber a dor existente em outro animal, de sua espécie ou mesmo de espécie distinta: pode intuir a dor que aflige um homem e compadecer-se dela, mesmo não a sentindo em si. Há inúmeros testemunhos de cães que se fazem solidários com humanos sofredores, e se mostram de fato compassivos. Reconhecer a dor em outro e simpatizar com ele é inegavelmente um ato de consciência. Quem o efetiva, seja homem, cão ou qualquer outro bicho, acolhe em sua intimidade uma comunicação de algo que, ao mesmo tempo, não se

comunica enquanto tal: algo incomunicável em si, como é a dor de cada um. Esse ato comunicativo exige interpretação. Desse modo, o ser senciente e simpático, humano ou não, opera um salto transcendental no campo da experiência, acede ao limiar do pensamento. Há uma hermenêutica afetiva, preliminar, que corresponde a leituras de dor e prazer na comunicação de alguns seres sencientes.

Ao condoer-me, percebo uma dor que não experimento e mesmo assim assumo sua pungência, que me afeta de outro modo, bem distinto da forma em que atinge o paciente. Isso que sinto ao condoer-me já ultrapassa de muito a sensação. A dor vem a ser 'comungada' sem que seja efetivamente sentida. O mesmo se dá quando me alegra o júbilo de outro animal. A simpatia que se soma à percepção do próprio corpo e lhe acrescenta a percepção de outros corpos *qua* sencientes é um dos fundamentos ineludíveis da consciência.

Para ter consciência é necessário poder condoer-se e comprazer-se.

Dor, prazer e desejo formam parte da consciência, que os assume, em nós, de forma transcendente. Mas é fato que por sua vez esses "componentes" a transcendem, ficam em grande medida fora de seu alcance. Mesmo assim, essas forças a podem impelir em direções que ela mal adverte; podem até levá-la a enganar-se, a empenhar-se no próprio engano.

No homem, porque este é dotado de uma linguagem muito rica, a consciência se faz explícita, o transcendental se acusa. Dialogando com outros mediante os poderosos recursos do verbo, necessariamente compartilhados, o sujeito humano vê-se impelido a dialogar de modo constante consigo mesmo. Mas só um orgulho muito tolo nos leva a negar de forma absoluta a consciência de outros bichos.

Animais que interagem e se “afirmam” face a outros no processo de interação já se movem numa esfera dialógica, já se encontram no limiar do diálogo. Alguns deles transpõem a soleira do verbo, embora a partir daí pouco avancem na comunicação linguística típica de nossa espécie: o bicho capaz de assumir um nome e reconhecer nomes de outros seres (de pessoas, por exemplo), tem acesso parcial, mas efetivo, à linguagem humana, ou pelo menos a sua franja; pois, quando nada, ele a percebe como linguagem. Esta percepção é um começo de entendimento linguístico que estimula a consciência e a faz avançar mais um pouco na direção de si mesma.

O cão de Odisseus tinha saudades, logo tinha consciência.

Sem diálogo não aflora a consciência propriamente humana. Ela é, pois, desde o início dialética.

A linguagem confere ao homem um duplo poder: o de manifestar-se e o de ocultar-se, ou seja, de reservar-se. Só quem fala pode estar calado.

A consciência se torna estéril quando esquece que sua raiz mais profunda se acha na simpatia, na compaixão. Obliterada a capacidade de condoer-se e comprazer-se, a consciência se reduz a um mecanismo vazio, incapaz de acesso à ordem dos valores, em que chega a sua plenitude.

É quando penso em silêncio que a linguagem me fala melhor.

Não sinto o prazer de minha amada, mas percebo que ela o sente e isso me comunica um novo tipo de gozo, uma alegria erótica profunda. Ela se torna uma espécie de entusiasmo finalmente sereno, nascido da fruição recíproca, de um delicioso circuito que a gente não sabe direito onde começa, onde acaba. Quem, por desgraça, não é capaz dessa alegria, não desfruta plenamente o amor, não conhece de fato o pleno deleite do sexo. Sofre de uma impotência cruel, uma espécie de castração.

No ser humano a consciência adquire profundidade singular porque a percepção da finitude nele se exalta e aclara à luz de uma pungente chispa, efeito do choque brutal com o descortino do infinito.

A certeza da morte faz avivar-se a consciência humana, que ao reconhecê-la saboreia a vida de um modo novo, ainda mais intenso. Que esta certeza ineludível pode ser surpreendente já se vê na Epopeia de Gilgamesh.

A consciência humana se interroga e provoca a si mesma de modo constante, abrindo-se aos valores. Neste sentido, é única. Tanto quanto sabemos.

É injustificável fazer qualquer coisa motivado apenas pela tradição. Hábitos por si só nada justificam.

Constitui um péssimo hábito invocar a tradição cultural como fundamento para qualquer coisa. Assim se tem sacralizado todo tipo de estupidez.

O homem é um dos animais racionais: o mais irracional de todos. Ele sabe de sua razão, que sua fala torna explícita. E com ela desrazoa.

O DNA é um código perfeitamente lógico. Isso mostra que no horizonte da vida a linguagem precede de muito o verbo. E a própria consciência.

Volta e meia a pobre Metafísica dana a torturar-se com um masoquismo espantoso. Ou se torna ridiculamente soberba. Nessas condições, só o riso pode curá-la.

Boas gargalhadas são indispensáveis para que se leia sem intoxicar-se obras solenes de filosofia.

É estranho que se continue a falar de “filósofos pré-socráticos”. O historiador da filosofia antiga tem como primeira obrigação denunciar o absurdo desse rótulo, sua profunda injustiça.

O único filósofo pré-socrático foi Sócrates, o desconhecido mestre de Platão, que por certo não só antecedeu como ignorou o personagem do mesmo nome criado por seu discípulo - mas acabou ligado a essa figura. Ainda procuramos pelo homem desconhecido sob a máscara que o reveste no teatro filosófico e até consegue ser mais real do que ele, seu portador involuntário.

No campo da educação, continua até hoje a luta entre Protágoras e Antifonte. Seria muito ruim se ela terminasse, se um dos contendores vencesse em definitivo, eliminando o outro.

Quem ama a filosofia deve reconhecer com franqueza que sob esse rótulo muitos disparates já foram escritos e solenemente proclamados. Ainda não cessou o chorrilho. Dá-se que de vez em quando a sábia musa fica alucinada. Seus apóstolos por vezes cedem ao preconceito, ao furor e à arrogância. Nas suas lutas intestinas, recorrem por demais à calúnia e ao engodo, movidos por sectarismo, ou por simples má fé. Sempre que as disputas da vaidade os espicaçam, mesmo os mais atilados tendem a tornar-se injustos. Alguns metafísicos chegam a inflar-se como papaventos (ou sapos alados, ridiculamente cheios de pretensões angélicas), ao tempo em que alimentam equívocos, promovem absurdos e encobrem com pompa ridícula falácias, opiniões vazias, declarações sem qualquer fundamento.

Não há como levar a sério a leitura hegeliana da história, feita na perspectiva divina da Ideia Absoluta, com jeito de uma panorâmica tomada, por assim dizer, no horizonte do Juízo Final. Por mais que se admire sua ousadia, é impossível não se escandalizar com o etnocentrismo do filósofo, sua dogmática autosuficiência, seus

acessos de pomposa leviandade, sua soberba, sua egocêntrica megalomania, sua servil adoração do Estado. Outros grandes livros da biblioteca filosófica apresentam os mesmos defeitos. Todavia, é preciso reconhecer que no meio desse lixo se encontram ricas ideias, intuições valiosas, acertos incontestáveis.

Os estudantes de filosofia se sentem, às vezes, como badameiros escavando monturos onde joias podem ser achadas. E lhes sobra razão para sentir-se assim.

Por vezes a melhor maneira de ler um livro de filosofia é considerá-lo uma peça de ficção, uma novela, uma fábula, um poema, uma boa comédia, o rascunho de um drama. Então as ideias contidas na obra, elevadas ao estado de metáfora, tornam-se muito mais ricas e interessantes.

A Metafísica é uma espécie de Sheerezade, alucinada e maliciosa, disposta, com justiça, a enlouquecer o sultão, mas imprudente a ponto de acreditar nas histórias que lhe conta. Isso a faz ser condenada à morte com frequência. Ela só escapa porque tem o dom de esquecer o que narrou e assim induz o rei caduco a esquecê-lo também, de modo que a trama sempre recomeça. Talvez ela já tenha morrido efetivamente, e vezes seguidas; mas sempre retorna, com ares de milagre. Cabe outra hipótese, para quem não gosta de ressurreição: depois dos repetidos sacrifícios, sempre toma o lugar da grande dama uma gêmea idêntica, a repeti-la com a mesma aparência enganosa, as mesmas fantasias. Com tanto morrer, a bela nunca envelhece.

Incurável mitômana, a senhora Metafísica tem espantosos momentos de lucidez em que reconhece seus delírios e os torna verídicos. O soberano desta Sheerezade é um deus impotente de que ela representa o paraíso.

São, por vezes, muito sérias as palhaçadas da Metafísica.

Muitos têm invocado a dialética como argumento final para obstruir todo e qualquer diálogo. Fizeram dela a justificativa infame para intermináveis monólogos dogmáticos. E ainda lhe juram fidelidade.

O problema da Metafísica é que ela sempre se apaixona por seus assassinos. O problema deles é que não conseguem matá-la.

Enquanto se demorar em palácios, a filosofia será apenas a boba da corte.

A descoberta do DNA e sua lenta decifração me trazem à lembrança Pitágoras: ele talvez entendesse o tal código como uma espécie silenciosa de música da qual todos nós, seres vivos, somos os diversos arranjos, as melodias e os concertos.

Bonito jogo da Fortuna: por um decreto inadvertido, mas providencial, Platão exibiu-se de sua horrenda República.

Pitágoras seria um químico muito lírico e divertido, tomando a tabela periódica dos elementos por partitura.

Se Descartes fosse casado, a revolução fenomenológica aconteceria mais cedo.

O ceticismo pode muita coisa. É capaz até de casar-se com a fé. Pirro, lembremos, era sacerdote.

Filósofos posteriores muitas vezes tomaram exercícios dialéticos de Aristóteles na obra que ganhou o nome de "Metafísica" (no Livro VII, por exemplo) por teses estabelecidas: não raro esses indesejados discípulos tiveram por conclusões definitivas o que para o mestre era parte de uma exploração inconclusa, impossível de arrematar. Mais ainda: contra o que ele pensava ao inaugurá-la, quiseram fazer da ontologia um bem acabado edifício do conhecimento, uma autêntica ciência. Esses equívocos marcaram singularmente a história da metafísica, que tem acentos

tragicômicos. Mas nem tudo é fracasso: desvios também podem levar a caminhos novos e a descobertas interessantes.

Não consigo levar a sério quem vive de declarar-se moribundo, um moribundo profissional.

Consciência é originariamente percepção do próprio corpo como suporte de toda ação e sensação, fonte de vontade. Nos homens ela se amplia ao fazer-se manifesta pelo verbo: é ativada por incessante diálogo. E se enriquece de fantasia. Ao dar-se conta de que seu suporte é também seu limite, ela experimenta (tende a experimentar) o desejo alucinado de ultrapassá-lo. Esse desejo, que passa a integrá-la, a povoa de novas formas, fantásticas, oníricas. Assim a impele a viagens de magnífica extravagância.

A *causa mortis* ainda se discute. A hipótese mais acreditada é que seus adoradores o mataram. Mas há quem diga entre os amáveis demônios que ele morreu de metafísica, numa passagem muito feliz. Morreu de rir.